

• CRIAÇÃO

DIA SEGUINTE

Renato Essenfelder*

Paula, eu acordei com um delicado arco de luz sobre o meu rosto. Era bem cedo, nem sete horas. Contra todos os prognósticos – os seus, os meus, os da meteorologia – o sol, afinal, veio. (Até o ato de acordar, Paula, foi contra todos os prognósticos.)

Depois de ontem eu esperava que não houvesse mais manhãs de sol. Confesso isso de forma até pueril, confesso a minha estupidez sobressaltada [que no fundo é a mesma estupidez de todos os apaixonados]. Eu achei mesmo que a noite de ontem iria se arrastar por dias; que aquela noite, Paula, duraria ainda todo o inverno, que apenas começou em São Paulo, e talvez me contaminasse pelos próximos anos – e quem sabe me jogaria numa espiral de silêncio e abandono tão aguda que eu acordaria cem anos mais velho, decrepito e solitário, sem ninguém além de cães castrados para me fazer companhia.

Eu sei, Paula, eu não deveria tratar cães como gente nem deixá-los dormir na minha cama.

Contra todas as expectativas e contra todas as doses excessivas a verdade é que a cabeça não doía no dia seguinte, Paula. E eu suspeito que até dormi bem. Não lembro dos sonhos da noite, não posso comentá-los, mas acordei razoavelmente disposto e inteiriço. Bem disposto, até. [O que, convenhamos, não era esperado depois daquele massacre.] Para ser sincero, Paula, eu nem lembro muito bem do que você gritou ontem. Foram tantas coisas, e tão aceleradas, que eu não consigo distinguir muito bem o sentido daquilo tudo à luz desta manhã. Tantas coisas, tanto não e tanto sim, tanta súplica e devaneio, tantos amores e ódios, tanta habilidade – eu lembro de ter pensado ainda ontem na sua oratória perfeita, na sua perfeita articulação sintática, na estrondosa capacidade de dizer coisas contrárias na mesma frase e fazê-las ambas verdadeiras, e na quase mágica habilidade de falar as coisas mais corretas pelos caminhos mais errados –

* Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: renatoessenfelder@gmail.com

que por um segundo eu pensei que era platéia, e não protagonista, naquele vaidoso espetáculo.

E a despeito de tudo, de todas as ameaças de suicídio, de todas as farpas, de todas as metáforas sofisticadas – essas discussões são sempre meio literárias, não? –, o pano de fundo sempre são aqueles livros do século dezenove. Eu acordei com o toque morno do sol sobre o meu rosto, tão suave e decisivo que me lembrou a minha mãe, Paula, que me acordava todos os dias às seis horas da manhã para que eu não perdesse a carona para a escola.

O sol nasceu, e eu não sei por que [de novo a minha inocência pueril] eu me surpreendi com isso. O sol nasceu generosamente sobre a minha janela.

Levantei lentamente, como nos tempos de escola, e sem resmungar. É que eu dormi bem, Paula, e acho difícil acreditar nisso eu mesmo – tão difícil que provavelmente se você me ligasse agora para inutilmente fazer as pazes eu mentiria e diria que não preguei o olho, que passei a noite em claro, que as minhas olheiras e as minhas cicatrizes são tão profundas que talvez jamais desapareçam.

Lentamente, mas firme, sem nenhum cambalear, fui ao banheiro.

Eu estava ansioso, Paula, porque os sinais até ali, embora confortadores, eram também um pouco preocupantes. No fim das contas, nada estava se desenrolando como previsto. Eu acordei sem nenhuma dor, no corpo ou na alma, com a luz do sol gentilmente derramada sobre mim, lembrando-me dos tempos de escola e sentindo uma ternura, Paula, mas uma ternura tão imensa pela vida, tão incontida, tão plácida e firme que parecia que eu havia descoberto no meu corpo um órgão vital que sempre esteve presente em mim, mas à sombra. E nesta manhã fez sol [não sei se fantasio, mas tenho quase certeza que passarinhos cantavam bem próximos à minha janela, e isso bem no centro de São Paulo].

Quando você dizia que me iluminava eu pensava, Paula, que toda luz traz consigo um punhado de treva. Que certas coisas, Paula, não convém mesmo iluminar – e tolamente eu mesmo me incluía, por inteiro, nessas coisas marginalizadas, como os nossos escritores favoritos do século dezenove. Mas nesta manhã eu tive a sensação oposta, tremendamente urgente a sensação de que toda treva traz consigo um punhado de luz. [Eu estava pensando no útero, por exemplo, no milagre do nascimento, na caverna de Platão, nas noites escuras em que eu aproveitava para namorar nos fundos da igreja, nas brincadeiras infantis em que no quarto escuro eu segurava a mão de uma menina bonita, nos amores platônicos que inspiraram o melhor de mim...] Lembranças assim, Paula. E a idéia que da treva de ontem eu saí um pouco iluminado – pelo sol da manhã, pela lembrança da delicadeza da minha mãe pelas manhãs, pela esperança revigorada na ação gentil do tempo. Sim, Paula, e espero que você contenha o seu escárnio diante desta revelação, mas a verdade é que eu nunca cri de fato no poder devastador do tempo. Sempre o tive como amigo tão íntimo, tão próximo a mim, que a ele confiei todos os meus segredos, todas as minhas neuras, Paula, todas as minhas dores eu deixei nas mãos dele, que gentilmente as despetalou ponta a ponta até que só restasse, no fundo das mágoas todas, uma toada lenta e firme de esperança.

Foi com esta toada que despertei nesta manhã, Paula. Eu achei que nunca mais a ouviria, achei que era uma fantasia da primeira infância – arrastada tempo demais, como a crença no Papai Noel ou na magia-de-todas-as-coisas (na verdade eu confesso ainda que em magia eu acredito ainda hoje, Paula, e até em

anhos da guarda). Mas ouvi. Depois da treva, depois do furacão, depois de ser destruído pelo fio terrível do teu verbo (e sim, destrói-la com o meu, inadvertidamente), ouvi a voz do tempo, nos braços do sol, me sorrir sem palavras.

Ah sim, Paula, eu parecia outra pessoa, tão diferente das expectativas todas, tão irreconhecível [por que havia tantas mensagens dos amigos no meu celular, Paula? Por que me escreviam desesperadamente perguntando como eu estava? Pedindo-me para não fazer aquilo, para pensar em mim?], tão outro que precisava me certificar com urgência da minha identidade.

Corri ao espelho. Mas quase ri da minha estupidez, Paula, veja só isso. Eu corri ao espelho para me certificar da minha identidade, da minha, digamos, estabilidade. Ser quem sou ainda, estar ainda vivo, e não dentro de um sonho ou morto de fato – uma bobagem, porque o corte foi muito superficial, e eu claramente não queria me matar, mas apenas silenciar os nossos gritos.

É claro que o corpo estava todo lá, diante do espelho, incólume. O corpo é o corpo, Paula, assim como a rosa é a rosa. O corpo não tem metafísica. Não tem drama pro corpo, Paula. Eu confesso que senti um alívio despropositado, claro, inegavelmente besta; eram duas pernas, dois braços [o que é um corte superficial na história de um braço, Paula? não é nada], peito, pescoço, orelhas, nariz, boca, cabelos engraçados como em todas as manhãs, cabelos bem engraçados, fazendo piada do drama mal-do-século da noite anterior, e olhos. Olhos, Paula, dois olhos profundamente verdes, muito mais verdes do que na noite de ontem, mais verdes do que em outras manhãs, como se o verde se alimentasse do esterco que espalhamos com nossas palavras. Dos cadáveres que semeamos entre nós. Dos cadáveres, melhor dizendo, que exumamos ontem à noite, quando trouxemos à tona tanta podridão que o esperado seria acordarmos hoje cobertos de vergonha, raiva, desprezo.

Acordei feliz.

Os olhos emergiram verdes, os olhos tão verdes que quase quis fotografar, flutuando diante do espelho cristalino da primeira hora da manhã [impossível mentir à primeira hora da manhã, é a hora de absoluta sinceridade].

Então peguei esses meus olhos verdes muito verdes e saí do banheiro com um sorriso desatravessado. Não apenas a surpresa da cor, do renovado filtro de cor diante da vida [foi como se os meus olhos acabassem de voltar de uma revisão completa, após quarenta mil quilômetros rodados], mas a constatação de minha própria parvoíce: era óbvio que a minha identidade não se confirmaria diante do espelho, e óbvio que o corpo não tolera metafísica e é sempre o mesmo corpo, sob as curvas dos prazeres e da idade. Era óbvio que a minha identidade eu encontraria através do espelho, como naquele conto com a pequena Alice.

E eu, que sempre tive medo de olhar para dentro, que sempre tive medo da tua luz atirar as trevas mais vergonhosas, desta vez fiquei curioso. Excitado, até, como um menino escolhendo a futura carreira [*que máscara usar para encontrar as outras máscaras*, eu mesmo teria dito ontem, mas hoje estou tão contra a corrente que não vou citar ninguém]. Mas sem pressa, claro, sem pressa porque o gozo do encontro é justamente ir ao encontro dele. O prazer das preliminares todas para me redescobrir, pensei, que vastidão de possibilidades.

Mas sem metafísica eu pensei que era preciso colocar água para o cachorro, que assistia a cena com fascínio, como se soubesse de tudo – ou como se não soubesse de nada, o que dá, convenhamos, rigorosamente na mesma. Colocar

água e comida para o cachorro. O cachorro está há alguns dias sem comer direito, quase prostrado, mas nesta manhã solar mesmo ele se rendeu, o cachorro teimoso, o cachorro metódico, e depois de comer um punhado de ração da minha mão se animou tanto que devorou dois pratos inteiros, os mesmo pratos que andava sonogando desde anteontem. Depois sentou-se e ficou me olhando, sem nenhuma metafísica, com o rabo abanando e uma alegria tão incontrolável que tive de me ajoelhar para beijá-lo em agradecimento.

Sim, ainda sem metafísica eu prossegui à faxina. É sábado, então é natural que eu faça faxina. Confesso que não me despertou nenhuma preocupação ou interesse especial a quantidade de farpas e lascas e restos de objetos quebrados pela cozinha [uma garrafa de uísque barato, um copo, um escorredor de louça de plástico, uma colher de pau martelada até a explosão]. Eu simplesmente procedi à faxina. Primeiro lavei toda a louça, que não era muita, depois troquei todo o jornal do cachorro, desinfetei a área de serviço e a cozinha inteiras, aproveitando para catar cada vestígio de estilhaço da noite, voltei ao quarto e passei pano para tirar os pêlos do animal, que se espalham como mato, dobrei bem dobrada a roupa de cama, o que sempre deixa o quarto com um aspecto bem mais limpo, prossegui à sala, onde contabilizei sem sobressalto mais um telefone quebrado e livros da estante jogados ao chão, juntei tudo, aproveitando para tirar o pó deles e da própria estante, varri, passei pano [evitando o aspirador para não acordar a vizinha, que já havia ameaçado chamar a polícia na noite anterior].

Liguei o som baixinho em uma toccata de Bach, sentei-me no sofá ao lado da janela e constatei, sem metafísica, sem transcendência, que este dia será maravilhoso.

Recebido em maio de 2016.

Aprovado em agosto de 2016.